

+ ECONOMIA



MARTA SFREDO

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

Para o auxílio não subir no teto

Exatamente no dia em que um almoço no Palácio do Planalto tentava criar um clima de confraternização entre o presidente Jair Bolsonaro e os parlamentares, com especiais afagos ao presidente do Senado, Davi Alcolumbre, os senadores abriram uma caixa de pandora para os Executivos – no plural por representar ameaças a todas as esferas.

A derrubada do veto presidencial a reajustes do funcionalismo até o final de 2021 exasperou o ministro da Economia, Paulo Guedes, que chegou a falar em “crime contra o país”. Entre outros motivos, porque tem potencial para desmontar o complexo plano para prorrogar o auxílio emergencial, neste ano, e a construção do programa Renda Brasil, que deve vigorar a partir do próximo.

Além de ser um mau sinal no momento em que cidadãos que dependem da iniciativa privada enfrentam desemprego, redução salarial ou ameaça de perda de renda e em que empresas sofrem com restrições à atividade e dificuldade de acesso a crédito, a decisão agrava o risco de estouro do teto de gastos.

Independentemente do conserto do episódio, que foi chamado de “trapalhada” a “traição”, o sinal que fica é inquietante. A sem-cerimônia com que o Senado espetou uma conta de cerca de R\$ 120 bilhões extras, no meio de uma crise que envolve o debate sobre furar ou não furar o teto e suas consequências, prevê dias difíceis para quem já esperava o envio da reforma administrativa ao Congresso. O valor corresponde a quase

dois meses e meio de auxílio emergencial nos moldes atuais. E o sonho de Bolsonaro era anunciar hoje a nova prorrogação do benefício.

Por mais que tenha motivação eleitoral, a extensão do auxílio emergencial chega a reais necessários – com a necessária exceção dos fraudadores. Como mostrou pesquisa da FGV Social, a concentração de ricos no Lago Sul, em Brasília, é quase absurda. A renda média mensal é de R\$ 38.460. Para não tornar a comparação ainda mais inacreditável, a média de Brasília é de R\$ 2.981. E reajuste para boa parcela dessa população embute o risco de não poder manter mais um ou dois meses de um socorro abaixo de R\$ 600.

GAÚCHAZH

Leia outras
colunas em
[gauchazh.com/
martasfredo](http://gauchazh.com/martasfredo)